

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA LICENCIATURA**

CRYSTYNA LOREN CORDEIRO TEIXEIRA

**"Bom de bola e bom de Cuca": Reinaldo, uma luta contra a repressão e a censura
durante o período da Ditadura Militar.**

**UBERLÂNDIA
2025**

CRYSTYNA LOREN CORDEIRO TEIXEIRA

"Bom de bola e bom de Cuca": Reinaldo, uma luta contra a repressão e a censura durante o período da Ditadura Militar.

Artigo acadêmico apresentado ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de graduação em História – Licenciatura.

Orientador: Prof. Dr. Florisvaldo Paulo Ribeiro Júnior

**UBERLÂNDIA-MG
2025**

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

T266 2025	Teixeira, Crystyna Loren Cordeiro, 2003- "Bom de bola e bom de cuca": Reinaldo, uma luta contra a repressão e censura durante o período da Ditadura Militar . [recurso eletrônico]/Crystyna Loren Cordeiro Teixeira.-2025. Orientador: Florisvaldo Paulo Ribeiro Junior. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)-Universidade Federal de Uberlândia, Graduação em História. Modo de acesso: Internet. Inclui bibliografia. Inclui ilustrações. 1. História. I. Junior, Florisvaldo Paulo Ribeiro , 1967-,(Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Graduação em História. III. Título. CDU:930
--------------	---

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

CRYSTYNA LOREN CORDEIRO TEIXEIRA

"Bom de bola e bom de Cuca": Reinaldo, uma luta contra a repressão e a censura durante o período da Ditadura Militar

Artigo acadêmico apresentado ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de graduação em História – Licenciatura.

Orientador: Prof. Dr. Florisvaldo Paulo Ribeiro Júnior

Banca de avaliação:

Prof. Dr. Florisvaldo Paulo Ribeiro Júnior
Orientador

Prof^ª Ma. Mislele Souza da Silva

Prof^ª. Dra. Nara Rúbia Cunha Carvalho

Uberlândia -MG
2025.

Agradecimentos

Devo agradecimentos àqueles que sempre me motivaram, fazendo-se presentes ao longo desse percurso, incentivando-me em momentos difíceis e oferecendo todo o apoio que eu precisava.

Aos meus pais, Moacir Teixeira e Maria Iêda, que fizeram do possível ao impossível para que eu conseguisse seguir os meus sonhos e objetivos, transformando as dificuldades em aprendizado e sabedoria e me ensinando a comemorar as alegrias da vida.

Aos meus irmãos, Gabriel e Crystyanne, que, apesar da distância, sempre estiveram ao meu lado, oferecendo conselhos e garantindo que eu estivesse bem.

Aos amigos que fiz durante essa trajetória, que tornaram meus dias mais leves e felizes para serem vividos. Em especial, à Giovana Pagni, obrigada pela companhia nos estágios, pelas manhãs tomando um cafezinho no 5O e por todos os outros (muitos) momentos que se faz presente na minha vida!

À minha pessoa favorita e minha alma-irmã, Maria Eduarda, que sempre torceu pelos meus sonhos junto comigo e que, apesar da distância que vivemos, se faz presente com todo seu apoio e sua energia transformadora. Sua amizade é uma força constante, obrigada por sempre estar do meu lado e por sempre acreditar que eu conseguiria.

Aos meus professores, que guiaram meu aprendizado e me permitiram apresentar o melhor de mim no meu processo de formação profissional ao longo do curso. Em especial, ao meu orientador, Florisvaldo, por aceitar me orientar e acreditar no potencial do meu trabalho e também a banca avaliadora que agregou bastante no trabalho com sugestões e apontamentos, gratidão, Nara e Mislele.

Agradeço à Associação Atlética Acadêmica Humanas UFU, que me fez perceber a força que é ser e pertencer. Fazer parte da Humanas fez com que eu tivesse uma família em um lugar até então desconhecido, fez com que eu criasse vínculos, responsabilidades e entendesse o verdadeiro significado de paixão e resistência. Obrigada por tanto!

Por fim, agradeço novamente ao meu pai, que transmitiu sua paixão pelo futebol e pelo Galo para mim e me fez perceber que o esporte vai para além das quatro linhas, tornando-se um dos incentivos para que este trabalho fosse escrito.

“Erga a cabeça, levante os punhos, pule no ar e ajude a gritar ‘Galooooo’, pra provar que futebol também é uma forma de luta e resistência, na qual os revezes se transfiguram em esperança nutrindo a certeza da vitória.”

- Frei Betto em carta para Reinaldo antes da final do Campeonato Brasileiro de 1980, diante do Flamengo.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar o protagonismo político de José Reinaldo de Lima a partir de suas ações, gestos e discursos dentro e fora dos campos de futebol durante a ditadura civil-militar no Brasil. É possível constatar, inicialmente, que ele utilizou da fama como artilheiro do clube Atlético Mineiro para resistir às arbitrariedades da ditadura civil-militar, defendendo a autonomia popular, a liberdade e a democracia num momento da nossa história em que as estruturas repressoras do Estado brasileiro foram mobilizadas para perseguir atletas de variadas modalidades, acusando-os de serem subversivos e ameaçadores para a ordem social. A partir da análise da entrevista dada pelo Rei ao Jornal Movimento, em março de 78, observo os efeitos gerados por concedê-la, discutindo como suas manifestações, apesar de toda repressão, contribuíram para fortalecer o movimento de resistência que se formava. Além disso, a história do Rei aqui trabalhada é uma possibilidade para o ensino de história, a partir do momento que permite analisar a ditadura civil-militar brasileira sob uma perspectiva que integra o futebol como fenômeno social e político, ao se estudar o protagonismo político do jogador de futebol José Reinaldo de Lima.

Palavras-chave: Ditadura Civil-Militar, Resistência, Futebol, Reinaldo, Ensino de História.

Abstract:

This paper aims to analyze José Reinaldo de Lima political protagonism based on his actions, gestures and speeches on and off the football pitch, during the civil-military dictatorship in Brazil. It is possible to note, initially, that he used his fame as the top scorer for the Atlético Mineiro club to resist the arbitrary actions of the civil-military dictatorship, defending popular autonomy, freedom and democracy at a time in our history when the repressive structures of the Brazilian State were mobilized to persecute athletes from various sports, accusing them of being subversive and threatening the social order. Based on the analysis of the interview given by the King to the Jornal Movimento, in march of 1978, I observe the effects generated by giving it, discussing how his demonstrations, despite all the repression, contributed to strengthening the resistance movement that was being formed. Furthermore, the story of the King discussed here becomes a possibility for teaching history, since it allows us to analyze the Brazilian civil- military dictatorship from a perspective that integrates football as a social and political phenomenon, by studying the political protagonism of the football player José Reinaldo de Lima.

Keywords: *Military Civil- Dictatorship, Resistance, Football, Reinaldo, Teaching History.*

LISTA DE FIGURAS

Imagem 1: Capa e primeira página da matéria de Aloísio Moraes sobre o Rei no Jornal Movimento 1978	18
Imagem 2: Página do jornal Movimento em que o Rei defende a participação popular em 1978	19
Imagem 3: Recorte da fala de Reinaldo no jornal Movimento 1978	20
Imagens 4: Entrevista recortada e assinalada pelo SNI	23
Imagem 5: Recorte do jornal Movimento nº144 “(anexo B)”	24
Imagem 6: Recorte do jornal Movimento nº145 “(anexo C)”	26
Imagens 7: Cópias de recortes de jornais “Folha da manhã”, “Folha da Tarde” e “Zero Hora”	27
Imagem 8 – Recorte da revista “Placar”	29

Sumário:

I - Introdução	10
II- Punho Cerrado	14
III- Reinaldo: “Bom de bola e bom de cuca”	17
IV- A construção da “subversão” do Rei	21
V- Dos gramados para a sala de aula	32
VI- Considerações Finais	34
VII- Referências Bibliográficas	36
VIII- Fontes documentais	37

I- Introdução:

“Comecei a fazer isso para a gente acelerar essa coisa democrática, porque não era nada organizado, eu não tinha sindicato, eu não tinha partido político, não tinha ninguém, eu mesmo que fui lá, eu vou falar aqui do futebol. **“Futebol é alienado”, eles falavam na época muito isso, “todo mundo é alienado”, aí eu comecei a chamar isso para o futebol. Então eu fazia esse gesto.”**

(LIMA, José Reinaldo. José Reinaldo de Lima, depoimento, 2012,p.14.)

A partir do trecho acima, que faz parte do depoimento de Reinaldo, é possível compreender um pouco da sua motivação por trás de suas ações e gestos dentro e fora dos campos. Através dela, o Rei se apresenta como um indivíduo consciente do poder mobilizador do futebol e incomodado com a alienação imposta pela ditadura civil-militar¹, decidindo usar diferentes formas de expressar sua oposição e fomentar o debate sobre a redemocratização. Sua iniciativa solitária, em um contexto de forte repressão, ressalta a coragem e a determinação que Reinaldo teve ao se tornar uma voz dissonante no panorama esportivo e social da época.

A “prática do futebol” - que fora dos ambientes profissionais era sinônimo de “jogar bola” -, transformou-se logo em característica da cultura popular brasileira. Magalhães (2011) considera que “por seu forte caráter mobilizador e por ser parte da cultura e da identidade nacional do brasileiro, o futebol não escapou de ser objeto de interesse de governos e políticos”². Utilizo das palavras de Livia para dizer que o estudo dessa temática é mais do que fundamental não somente por agregar mais um estudo à história social da cultura, mas também por colocar em evidência como o futebol, para além de uma mera modalidade esportiva, se enquadrou e ainda se enquadra como um fenômeno social, e como figuras públicas, sendo elas detentoras de algum poder dentro do Estado ou não, neste caso não apenas ditadores, mas políticos e homens públicos, usufruíram de diferentes formas do caráter mobilizador desse esporte para disseminar suas respectivas ideologias.

O futebol chegou ao Brasil no final do século XIX, passou por várias mudanças e teve grande participação na construção da identidade brasileira. Durante a década de setenta e início da década de oitenta, o Brasil viveu um duro período, marcado pela ditadura

¹ No decorrer do artigo utilizo o termo “civil-militar” para me referir ao golpe instaurado em 1964 por acreditar, assim como presente no debate da historiografia, como uma forma mais precisa para adjetivar o golpe, visto que é um termo que busca enfatizar a participação de setores civis no golpe e no período ditatorial.

² MAGALHÃES, Livia Gonçalves. *Futebol em tempos de ditadura civil-militar*. In: ANPUH – Associação Nacional de História. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*. São Paulo, jul. 2011. p. [10].

civil-militar. O regime instaurado após o golpe em 31 de março de 1964, durante o governo do presidente João Goulart, além de suprimir os direitos dos civis, censurou grande parte da imprensa brasileira e reprimiu veementemente opositores políticos do regime. Apesar de na época, e ainda nos dias atuais, o futebol ser dissociado da política, durante a ditadura civil-militar ele gerou grande impacto e foi utilizado em várias oportunidades, não somente pelo governo militar, para legitimar a imposição do poder da ditadura no país, como também por opositores do regime, que, por meio de ações e discursos dentro e fora do campo, manifestavam sua posição sobre questões políticas que regiam o país.

Nesse período, é válido para nossa pesquisa destacar e afirmar que, ao mesmo tempo em que o país lutava para transmitir uma imagem de harmonia e prosperidade, parte da repressão e da perseguição durante o regime acontecia por “baixo dos panos”, de forma velada. Exemplo disso dá-se após a tomada de poder pelos militares, quando “ainda em junho de 1964 foi criado o Serviço Nacional de Informações (SNI), com o objetivo de assessorar o presidente da República na orientação e coordenação das atividades de informação”³ que ocorriam pelo país. Essa ferramenta de monitoramento criada pelos militares viria a ser utilizada para investigação de civis opositores do regime vigente - dentre eles alguns jogadores de futebol -, transformando suas “desvirtuações” em crimes políticos, fazendo com que alguns fossem perseguidos, outros apreendidos e presos. Durante essa repressão velada, o SNI não foi a única ferramenta utilizada pelos militares para tentar cessar a iminente “ameaça comunista”, que, segundo os governantes, se alastrava pelo Brasil.

Em 1968, o Ato Inconstitucional número 5 (AI-5)⁴, em sequência do AI-2⁵, seria promulgado e colocado em vigência por Artur Costa e Silva e marcaria então mais uma perda dos direitos e garantias constitucionais do povo. Não obstante, no ano seguinte, 1969, Garrastazu Médici toma posse como presidente da república, e então a repressão e a censura que tomavam conta do país aumentaram, e os órgãos como SNI, DOPS e DOI-CODI⁶ intensificaram as prisões, as torturas e os desaparecimentos de opositores políticos que

³ D’ ARAUJO, Maria Celina et al. Os anos de chumbo: a memória militar sobre a repressão. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

⁴ Ato Institucional promulgado que retirou os direitos constitucionais que restavam depois do golpe de 1964, promovendo a suspensão de direitos políticos, incluindo a suspensão de mandatos eletivos e a cassação de direitos políticos por até 10 anos; suspensão do habeas corpus para crimes políticos e contra a segurança nacional; censura prévia a meios de comunicação e atividades culturais; e a possibilidade de o presidente decretar o recesso do Congresso Nacional, concentrando ainda mais poder no Executivo.

⁵ Ato Institucional promulgado que garantiu a suspensão de direitos políticos, a cassação de mandatos eletivos, a extinção de partidos políticos e a eleição indireta para presidente.

⁶ Serviço Nacional de Informações (SNI); Destacamentos de Operação Interna (DOI); Centros de Operação e Defesa Interna (CODI); Departamento de Ordem Política e Social (DOPS)

frequentemente realizavam.

Em contramão a toda repressão e tortura que assolavam o país, nesse período o governo militar buscava alguma legitimidade política, e “a única forma de obtê-la era pelo crescimento econômico”⁷. Essa ideia de garantir legitimidade política foi passada do Governo de Artur da Costa e Silva para seu sucessor Emílio Garrastazu Médici, resultando no que ficou conhecido como “milagre econômico”, como mencionado por Francisco e Klein:

“O “milagre econômico ocorreu na fase mais reacionária do regime militar. Não se admitia críticas, nem as imparciais, que apontassem erros na política econômica. O autoritarismo permeava todos os níveis do governo, no momento que ele promovia ampla gama de investimentos no setor produtivo (com incentivos e subsídios para o setor privado.), manipulava as principais fontes de crédito de curto e longo prazo, controlava preços e salários e administrava a taxa de câmbio. Aumentavam as distorções na economia, e a sociedade ficava mais injusta em virtude de uma política econômica que fazia aumentar a concentração de riqueza.” (LUNA, Francisco, p. 99)⁷

Essa etapa, chamada de “milagre econômico”, trouxe popularidade para o governo de Médici, eu que transmitiu uma imagem de prosperidade para o povo brasileiro, como se o sistema econômico do Brasil estivesse obtendo sucesso internamente e externamente e não houvesse nada de errado com o então governo. Entretanto, o que não se comentava ou divulgava era que, com os investimentos estatais realizados, o crescimento da dívida externa e interna e a concentração de renda estavam aumentando, juntamente com as desigualdades no país. Apesar de conseguir ludibriar uma parcela da população, desviando os olhares das desigualdades que vinham se formando por meio do grande “milagre econômico”, a popularidade do governo Médici atingiu seu auge quando a seleção brasileira de futebol goleou a seleção mexicana por 4x1 na final da Copa do Mundo e sagrou-se tricampeã mundial. A conquista da seleção neste ano tornou-se a propaganda perfeita, a qual o governo militar soube utilizar muito bem, afinal, fora conquistado pela “seleção do povo”, associando a vitória da seleção com o grande desenvolvimento que o Brasil vinha conseguindo no momento do “milagre econômico”.

Sempre houve opositores do regime e a tudo aquilo que ele defendia, até mesmo dentro do meio futebolístico, mas antes da Democracia Corinthiana⁸ quase nenhum jogador

⁷ LUNA, Francisco e KLEIN, Herbert. Transformações econômicas no período militar (1964-1985). In: REIS, D. A., p.95

⁸ Movimento social e político que surgiu no início da década de 1980, dentro do contexto do Corinthians, um dos principais clubes de futebol do Brasil. Associado à luta por maior participação e autonomia dos jogadores nas decisões do clube, refletindo um período de transição política no Brasil, que se afastava da ditadura militar e buscava a redemocratização.

ousava se pronunciar sobre política ou demonstrar o mínimo de consciência de classe publicamente. Muitos jogadores profissionais, por muito menos, eram vigiados ou mesmo perseguidos pela ditadura civil-militar brasileira: Afonso Celso Garcia Reis, “Afonzinho”, ex-jogador do Botafogo; Fernando Antunes Coimbra, “Nando”, ex-jogador do Fluminense e irmão do grande jogador do Flamengo, Zico, são exemplos. Todos perseguidos e/ou torturados pelo regime. Mas um jogador, nascido no interior de Minas Gerais, decidiu não se calar, mesmo diante de tantos silenciadores. Analiso neste artigo a entrevista concedida por José Reinaldo Lima ao jornal *Movimento* em Março de 78 e observo os efeitos gerados ao concedê-la, que influenciaram diretamente na carreira do ex-jogador do Atlético Mineiro, focalizando em como suas ações dentro e fora de campo em oposição ao regime atraíram a vigilância implacável dos agentes da ditadura.

Para análise utilizo como fontes os documentos presentes no Arquivo Nacional, obtidos pelo SNI, que assinalam a entrevista concedida pelo Rei ao jornal *Movimento: Cena Brasileira: Subúrbio Carioca (1975-1981)* durante o ano de 1978, que gerou incômodo entre os militares e gerou uma grande repercussão entre a mídia alternativa e a grande mídia, vindo a ser um dos principais motivos da perseguição feita a Reinaldo. Para exemplificar a repercussão desta na grande mídia, utilizo também algumas páginas da *Revista Placar, do ano de 1981* que trazem elementos que exemplificam a tentativa de construir a imagem de Reinaldo. Como bibliografia, utilizo de alguns autores, como Magalhães, Souza, o depoimento de Reinaldo concedido à FGV⁹ e trechos do livro *Punho Cerrado: a história do Rei* escrito por Lima e que retrata os desafios enfrentados por Reinaldo e como o jogador usou de seu posto como artilheiro do clube Atlético Mineiro para se manifestar em prol da autonomia do povo em um período que a censura era posta em diferentes frentes de oposição ao regime.

Ao analisar os documentos presentes no Arquivo Nacional, obtidos pelo SNI que assinalam as páginas do jornal *Movimento (1975-1981)* durante o ano de 1978, busco destacar a postura de Reinaldo que apesar de toda repressão não se fez perder de seus ideais políticos, e não cedeu às ameaças vigentes na época, se tornando assim, força de resistência e luta pela democracia no Brasil. E, ao utilizar o depoimento e o livro *Punho Cerrado: a história do Rei* procuro resgatar uma história vista e vivida por uma vítima direta do período mais ferrenho da história do Brasil, de um jogador de futebol que foi perseguido não somente

⁹ Fundação Getúlio Vargas

dentro das quatro linhas pelos seus adversários, em face de seu talento esportivo, mas também pela censura que se instaurava no país.

Por fim, contemplando sua história de resistência durante o período da ditadura civil-militar abordo com as autoras Gasparotto e Bauer a possibilidade de ela ser trabalhada e utilizada para o ensino de história dentro de sala de aula. A história do Rei é pouco vista e comentada, mas não deixa de ser extremamente importante enquanto vivência de uma vítima direta da ditadura civil- militar . Dito isso, ao final do artigo escrevo brevemente sobre como a resistência de Reinaldo durante o regime pode ser utilizada contribuindo para problematizar a ideia de que a repressão no decorrer da ditadura civil- militar se deu apenas violência física.

II- “Punho cerrado”:

Como colocado anteriormente, no decorrer da década de 1970 o futebol brasileiro vivia um momento de euforia com a conquista da Copa do Mundo. Essa conquista contou com o protagonismo de um jogador mineiro, nascido em Três Corações: Edson Arantes do Nascimento, Pelé. Edson, era destaque do time do Santos-SP e tinha um ótimo desempenho com a amarelinha, se tornando o “Rei do futebol” brasileiro, com seus belos dribles, gols e assistências durante sua carreira. O que ainda estaria por vir durante os anos setenta, do interior para a capital de Minas Gerais seria certo “Baby-craque”¹⁰, que apesar de pouca idade, já havia garantido seu lugar no time profissional do Clube Atlético Mineiro e desde a base vinha gerando comentários positivos dos jornalistas e adversários, referente a sua tamanha habilidade com a bola nos pés. Na mesma década que o rei do futebol, Pelé, estava no auge de sua carreira, aclamado pelo público -e pelo governo vigente- José Reinaldo de Lima, nascido em Ponte Nova, Minas Gerais, de 16 anos dava início a sua carreira profissional, preparando para se tornar o Rei da imensa massa¹¹ e voz da democracia em campo no lugar daqueles que não arriscavam se manifestar.

A trajetória do craque nunca foi fácil, ao longo de sua carreira, até mesmo no início dela, Reinaldo sentia grandes incômodos no joelho que o limitava de jogar cem por cento do seu futebol. Desde que chegou em Minas Gerais para começar sua trajetória no Atlético era algo que lhe incomodava e o restringia, mas nada que o impedia, ainda sim, de encantar a

¹⁰Apelido que o escritor Roberto Drummond batizou Reinaldo. (LIMA, Philipe Van R.. Punho Cerrado: a história do Rei. Belo Horizonte: Letramento, 2016.,p,48

¹¹ Nome atribuído à torcida do Clube Atlético Mineiro.

todos com suas jogadas, e enraivecer seus adversários. Com sua ousadia dentro de campo, nenhum treinador adversário queria deixá-lo livre, então sua marcação era dobrada e seus oponentes não pegavam leve quando o assunto era marcar o Rei. Após dar continuidade nos jogos mesmo sentindo dores, em 1974 Reinaldo precisou ser submetido a uma cirurgia no joelho na qual foi retirado seu menisco interno, já que as outras formas que estavam sendo utilizadas na tentativa de recuperação não estavam mais dando resultados¹².

Em 1976, quando Reinaldo voltava a ter um ritmo maior de jogos e a constância que esperava dentro de campo, contundiu-se novamente e ficou longe dos gramados de novo. Apesar de o futebol ser considerado um ópio do povo por alguns e de nesse período a maior parte dos brasileiros não falarem de política, por não entender ou não terem acesso a livros de informação por causa da censura, Reinaldo, em suas palavras, diz que ter se lesionado teve um lado positivo em sua história, porque foi quando estabeleceu uma maior convivência com seus vizinhos, um deles que virou grande amigo e companheiro de luta, Frei Betto¹³, a quem o rei dedicou parte de sua formação política:

“Essas temporadas em que eu ficava de molho tiveram um lado bom, pois foram pra mim uma verdadeira escola. Muito da minha formação política eu devo ao Doutor Antônio Carlos Christo, um juiz aposentado que escrevia sobre política no jornal. Ele era meu vizinho e nós conversávamos muito sobre política. Pude aprender bastante com ele. Frei Betto, seu filho, também conversava muito comigo sobre a situação do país e dos movimentos pela democracia (...) **tudo isso era feito de forma discreta, não se podia falar sobre essas coisas abertamente**” (Fala de Reinaldo, Punho cerrado: a história do Rei, p.78, grifos próprios)

A formação política que Reinaldo iniciou e deu continuidade fez com que sempre mantivesse interesse sobre a atual situação do país na época, enquanto jogador sempre deixou claro que a alienação que o povo vivia o incomodava e, a partir disso, percebeu que gostaria de se expressar de alguma forma contra o governo autoritário e a repressão que se disseminava cada dia mais. Foi então que, em 1977, começou a comemorar seus gols de forma diferente, com o objetivo de passar uma mensagem para aqueles que o assistiam. Ao começar sua formação política, Reinaldo esteve em companhia por muito tempo de Frei Betto, e “o dominicano participava ativamente da formação de um partido que que pudesse

¹² LIMA, Philipe Van R.. Punho Cerrado: a história do Rei. Belo Horizonte: Letramento, 2016, p.94.

¹³ Frei Betto (Carlos Alberto Libânio Christo, 1944) é um frade dominicano, escritor e ativista social brasileiro. Reconhecido por sua atuação em defesa dos direitos humanos, combate à fome e reflexão teológica na perspectiva da Teologia da Libertação, publicou obras como Batismo de Sangue e Fome Zero.

juntar trabalhadores, intelectuais e movimentos sociais, o Partido dos Trabalhadores, e isso despertou muito o interesse de Reinaldo”¹⁴. Através dessa convivência com Betto, Reinaldo ficou por dentro da situação política do país e se manteve ligado sobre as manifestações que aconteciam em outros países. Foi quando o rei teve, através de leituras, contato com as ações dos Panteras Negras.

Os Panteras Negras (Black Panthers) era um movimento marxista, revolucionário, criado na cidade Oakland, no estado da Califórnia, Estados Unidos. O movimento surgiu como resposta à opressão e ao extermínio da comunidade negra, praticado principalmente pela polícia, trabalhou desde o início com a ideia de tornar-se suporte de sua comunidade em situações que pudessem gerar violência contra ela. Os Panteras Negras atuaram no sentido da autogestão e socialização, como explica Wanderson da Silva Chaves: Após o estabelecimento de restrições legais ao uso de armas, em 1969, os Panteras se orientam para a montagem, nas suas sucursais, de clínicas médicas, refeitórios, cursos de formação política e escolas primárias, entre outras iniciativas cujo fim declarado era estabelecer a gratuidade, socialização, criação e a autogestão de serviços públicos dentro das comunidades negras.¹⁵

Apesar de ter como inspiração o movimento Black Panthers, Reinaldo tinha a ideia de usar o gesto escolhido como uma alusão socialista, que representasse a sua insatisfação e causasse um mal-estar na Ditadura Militar, seguindo então o exemplo dos atletas Gerd Muller¹⁶, Tommie Smith e John Carlos¹⁷, por isso, começou a comemorar seus gols com um braço atrás do corpo, e o outro estendido, com o punho cerrado.¹⁸

“Erga a cabeça, levante os punhos, pule no ar e ajude a gritar “Galooooo”, pra provar que futebol também é uma forma de luta e resistência, na qual os reveses se transfiguram em esperança nutrindo a certeza da vitória.” (Frei Betto em carta para Reinaldo antes da final do Campeonato Brasileiro de 1980, diante do Flamengo.)

A partir do momento que o ídolo atleticano seguiu as orientações de seu amigo Frei Betto e “pôs para jogo” o punho cerrado, José Reinaldo de Lima começou a se tornar símbolo de resistência diante de toda opressão estabelecida pela Ditadura Militar no Brasil, afinal, Reinaldo sabia o que o gesto significava e, ao fazê-lo, despertou a curiosidade daqueles que

¹⁴ LIMA, Philipe Van R.. Punho Cerrado: a história do Rei. Belo Horizonte: Letramento, 2016,p.77.

¹⁵ CHAVES, Wanderson da Silva. O Partido dos Panteras Negras.Topoi,v. 16, n. 30, p. 359- 364, Rio de Janeiro,jan./jun. 2015. Disponível em: www.revistatopoi.org . Acesso em: Março 25.

¹⁶ Artilheiro da Copa do Mundo de 1974. O goleador europeu comemorava seus gols com um dos braços para trás do corpo e levantando o outro, com a mão aberta.

¹⁷ Atletas que foram ouro e bronze nos 200m rasos nas olimpíadas de 1968. Após subirem no pódio pra receber suas medalhas, os atletas levantaram seus braços com punho fechado e as mãos cobertas por luvas negras, em protesto contra segregação racial e apoio aos movimentos negros de seu país.

¹⁸ LIMA, Philipe Van R.. Punho Cerrado: a história do Rei. Belo Horizonte: Letramento, 2016,p.78.

não o conheciam, fazendo surgir questionamentos sobre o seu significado.

A repercussão que o gesto teve em jornais e revistas foi grande e Reinaldo até tentou driblar a repressão:

“Na primeira vez que fiz o gesto, todos vieram até mim querendo saber o que aquilo significava. Muitas vezes, para driblar a repressão, eu dizia que era um protesto estritamente racial. **Eu precisava tomar cuidado, pois “dedos-duros” do governo estavam sondando, querendo descobrir se eu servia como instrumento de algum tipo de grupo revolucionário.** O gesto se tornou uma marca um símbolo que por tudo que o país vivia, foi muito importante. precisávamos de um incentivo um alívio em meio a toda aquela opressão” (Reinaldo, Punho Cerrado: a história do Rei, p.78)

Mas o drible que o Rei planejou foi interceptado pelo seu adversário mais difícil. Após conceder uma entrevista a um jornal sucursal de oposição, Reinaldo, mais que nunca, começou a ser perseguido pelas ferramentas de censura criadas durante o governo militar.

III- Reinaldo: “Bom de bola e bom de cuca”:

A mídia é e sempre foi um meio de comunicação que atinge grandes massas, e, em determinado momento do período do regime militar, com a censura em seu auge, e com ela a impossibilidade de os movimentos de esquerda agirem de forma incisiva, os jornais que não se caracterizavam como a grande mídia, os jornais alternativos, tornaram-se, de fato, uma alternativa de mobilização para os movimentos sociais existentes, como é o caso do jornal *Movimento*:

“Tendo uma periodicidade espantosa para o quadro dos alternativos, *Movimento* pressupunha uma rede de sucursais em vários cantos do mapa brasileiro, muitos colaboradores, muitos acionistas, vários correspondentes internacionais e uma equipe invejável nas editorias e na sua redação. Em seu interior **o jornal promovia, além da junção de vastas correntes das esquerdas, uma reunião entre intelectuais, estudantes, lideranças advindas dos movimentos sociais e populares e outros atores da luta pela redemocratização no Brasil**” (SEVES,2016. Grifos próprios)

Reinaldo tornou-se um desses atores na luta pela redemocratização do Brasil mencionado por Seves no trecho acima. Ao conceder a entrevista a este jornal sucursal de circulação nacional, ele promoveu uma grande repercussão e gerou, como o craque caracteriza no trecho de seu depoimento, uma “bomba” dentro do contexto político que o país vivia no momento.

“Eu dei uma entrevista no jornal *Movimento*, que era um jornal

de imprensa alternativa, mas de circulação nacional, colocando esse posicionamento da aceleração da democratização, a volta dos militares para os quartéis, anistia, o AI-5, a queda do AI-5, coloquei esses posicionamentos nesse jornal, **e isso foi uma bomba**, que eu nem sabia da extensão disso.” (LIMA, José Reinaldo. José Reinaldo de Lima (depoimento, 2012).p.14 . Grifos próprios).

Imagem 1 : Capa e primeira página da matéria de Aloísio Moraes sobre o Rei.



Fonte: Arquivo Nacional- Jornal Movimento: Cena brasileira: Subúrbio Carioca (RJ)1975-1981,p.8.

A entrevista do Rei para o jornal tomou uma proporção que não se imaginava e aguçou ainda mais os olhares vigilantes que já o cercavam. Dessa vez, ao tornar-se capa da edição de março do jornal, posicionando-se a favor da anistia, da queda do AI-5 e da redemocratização do país, reafirmando a importância da participação popular nesse processo, Reinaldo tornar-se-ia mais um dos que se nomeava na época pelo governo como “subversivo”.

O título da matéria do jornal acima é: “*Reinaldo: bom de bola e bom de Cuca*”. Busca-se, ao colocar esse título, destacar que, para além de dar conta do recado dentro das quatro linhas, Reinaldo também tinha ciência do que acontecia ao seu redor e, apesar de todas as controvérsias, estava certo de que devia defender aquilo que acreditava: a democracia, como fica claro na frase de Aloísio em destaque ao lado da imagem de Reinaldo na capa:

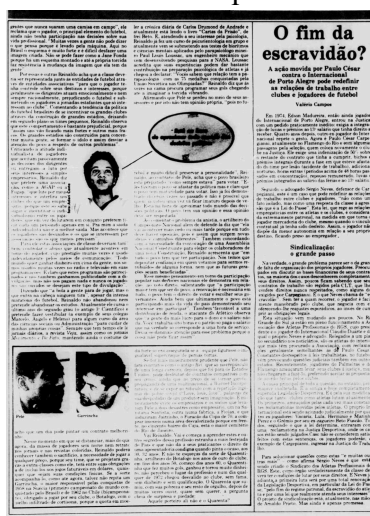
“O mais novo fenômeno do futebol, o centroavante **Reinaldo também é bom de idéias**. A favor da organização dos jogadores em associações, critica o individualismo, defende a anistia, a Constituinte e, ao contrário de Pelé, **acha que o povo brasileiro está preparado "como sempre esteve" para votar.**” (Aloisio Moraes, Jornal Movimento, p.9, 1978.)

Em primeiro momento, pode-se analisar que, em sua afirmação, o jornalista Aloísio Morais menciona Pelé, sugerindo que o jogador da seleção brasileira teria uma opinião contrária à do craque Reinaldo. Essa alegação está ligada a uma entrevista que Pelé concedeu ao jornal Folha de São Paulo, no ano anterior, em que o protagonista da seleção brasileira sugere que o povo ainda não estaria apto para votar. Como mencionado por Muntaser (2017), o governo dita padrões de comportamento ideal e tipos de personalidade que aprecia, atingindo indivíduos que compactuam, em alguma medida, com o regime autoritário dos militares.

Neste caso, Pelé era considerado um “bom moço” por parte do Governo, optando por se manter isento de determinados assuntos, como este, o que não confirma que ele era favorável a tudo que o país vivenciava no momento, mas a sua conduta diante de toda a situação dizia muito a seu respeito. Assim, a partir do comportamento que Pelé tomou, é possível identificar que o comportamento ideal que os militares desejavam tratava-se de um comportamento baseado em trabalho sem questionamentos. Em outras palavras, é possível afirmar que o governo incentivava a população a um constante não-pensar. Então, ao fazer essa comparação entre a fala de Pelé e de Reinaldo, é possível destacar a crítica por parte do jornalista destinada diretamente àqueles que por opção (ou não) decidiram não se opor ao regime e a tudo que estava acontecendo no país no momento.

Na página seguinte (imagem 3), destaca-se as falas de Reinaldo comentando a tendência da política do futebol brasileiro na construção de grandes estádios na época e como isso influencia na formação de grandes ídolos, alegando que servia para tirar a concentração do povo dos grandes problemas que os rodeavam, da situação política por qual o país passava, tornando o futebol no “ópio do povo”.

Imagem 2: Página do jornal Movimento em que o rei defende a participação popular



Fonte: Arquivo Nacional- Jornal Movimento: Cena brasileira: Subúrbio Carioca (RJ)1975-

1981, p.9

Ao passo que Reinaldo critica a desmobilização dentro dos clubes por parte dos jogadores, criticando também o individualismo por parte de alguns quando o assunto é reivindicação dos direitos, ele também se mobiliza e se prontifica a abordar novamente assuntos que não deveriam ser sequer comentados: a anistia, o direito ao voto e a participação popular nas decisões tomadas dentro do país, como posto no recorte abaixo (Imagem 4).

Imagem 3: Recorte da fala de Reinaldo no jornal Movimento



Fonte: Arquivo Nacional- Jornal Movimento: Cena brasileira: Subúrbio Carioca (RJ)1975-1981,p.9.

No recorte, é possível ver os vários momentos em que Reinaldo se manifesta, como no trecho:

"Eles fizeram o povo se afastar da política, mas é claro que o povo tem maturidade para votar. Isso já foi demonstrado diversas vezes no passado e não é possível que quem já votou uma vez vá ficar imaturo depois de velho. Está na hora de aproximar todo mundo das decisões políticas. O povo tem sua opinião e a sua opinião deve ser respeitada." (Jornal Movimento, p.9, 1978, Grifos próprios)

Ao dizer que "*Eles*" fizeram o povo se afastar da política, Reinaldo se refere diretamente ao governo dos militares e a suas ações de em prol da censura, as quais só tendiam a crescer no país, privando a liberdade de expressão do povo brasileiro. Quando questionado sobre a anistia para aqueles que foram presos por se posicionarem abertamente contra o regime, Reinaldo a defende e responde:

“Ela vai acontecer mais cedo ou mais tarde porque **em tudo deve haver oposição**, pois é assim que surgem novas ideias e caminhos diferentes.” (...) Reinaldo acrescenta que **“em tudo o povo tem que ter participação**. Nós temos que depositar a confiança em quem votamos para sermos retribuídos de alguma forma, nem que as futuras gerações sejam beneficiadas.” (Jornal Movimento, p.9, 1978, Grifos próprios)

Ao final da entrevista, a sua posição não se altera quando o assunto se torna o voto direto. De acordo com o Rei, “a participação maior tem que ser do povo, a renovação é necessária em tudo, o povo tem o direito de votar e escolher seus governantes”. Apesar de alguns dos trechos que Reinaldo expressa sua opinião serem curtos e não apresentarem ataque direto ao governo vigente, como mencionado anteriormente, eles caíram como uma “bomba” no contexto em que a sociedade brasileira se encontrava. Reinaldo não mencionou nomes, mas indiretamente fez o inaceitável: posicionou-se contra o governo publicamente e, a partir do que Muntaser (2017) traz em seu texto:

“Analisando as propagandas da grande mídia e da imprensa de direita durante o período da Ditadura Militar percebe-se que **a oposição é tratada com absoluta violência e como um mal a ser eliminado**. Como afirma Carlos Fico (1997), **a Reinvenção do Otimismo não permite que problemas sejam veiculados em larga escala, já que poderiam trazer desconfiança acerca da eficiência do regime**.” (Grifos próprios)

Pode-se concluir que, ao expressar sua opinião para um jornal alternativo, Reinaldo não contava que haveria tamanha repercussão, diferentemente do que se sucedeu. A partir dessa entrevista cedida ao *Jornal Movimento*, Reinaldo abriu portas para que a desconfiança sobre a efetividade do regime aumentasse, outras matérias posteriormente foram publicadas, outros jornais e revistas vincularam a imagem de Reinaldo a ações que o classificava como um agente “subversivo”, e isso acabou influenciando diretamente em sua carreira profissional. Ao receber alguns cortes da Seleção Brasileira em jogos importantes e ter características falsas atreladas a sua pessoa e a sua vida pessoal, tornando-o mais um dos alvos da ditadura civil-militar, Reinaldo passou a ser visto pelos agentes/militares e aqueles que compactuavam com os seus ideais como um mal a ser eliminado.

IV- A construção da “subversão” do Rei:

Os órgãos de informação e vigilância estão constantemente presentes na sociedade, mas, durante a ditadura civil-militar, eles foram ainda mais utilizados e receberam

aprimoramentos e ampliações, de forma que o governo pudesse ter mais eficácia em obter o controle social.

“Tais dispositivos de controle, normalizadores e com forte inclinação à violência, limitaram sobremaneira a liberdade de reunião, de associação e de imprensa, fazendo da questão da segurança e da defesa interna tema marcadamente presente durante a Ditadura Militar. Em seu nome se **buscou formas de combater a subversão e reprimir, preventivamente, as modalidades de ameaças ao Estado.**” (Souza, 2019, p.423, grifos próprios)

Como Sousa aponta, esses dispositivos buscavam maneiras de combater o que então era considerado “subversivo”, gerando opressão para o que eventualmente se tornaria, segundo eles, uma ameaça para o Estado. Com isso, teremos a criação de alguns departamentos e serviços de vigilância cuja função seria a realização desse monitoramento. As instruções e as orientações quanto à obtenção das informações e à identificação das possíveis ameaças, de alguma maneira, chegavam às Delegacias de Ordem Política e Social (DOPS). No entanto, no início dos anos de 1970 o SNI passou a subordinar as DOPS, no mesmo momento em que se dá o processo de recrudescimento do Regime Militar.

“A precisão nos dados, a exatidão na identificação era observada com rigor máximo. **A intenção era produzir informações que poderiam, no futuro, produzir a culpabilidade dos vigiados.** Em determinados momentos, os relatórios classificaram um número alto de pessoas que, segundo as informações, supostamente participavam de atividades subversivas. Em um deles, encontramos trinta nomes apenas em quatro páginas de relatório. Cada um deles com o seu respectivo endereço, filiação, origem e profissão. Além disso, **exigia-se que sobre os investigados fossem também auferidos sua filiação ideológica e política** (DOPS-SNI. Pedido de busca).” (Souza, 2019 p.429-430, grifos próprios).

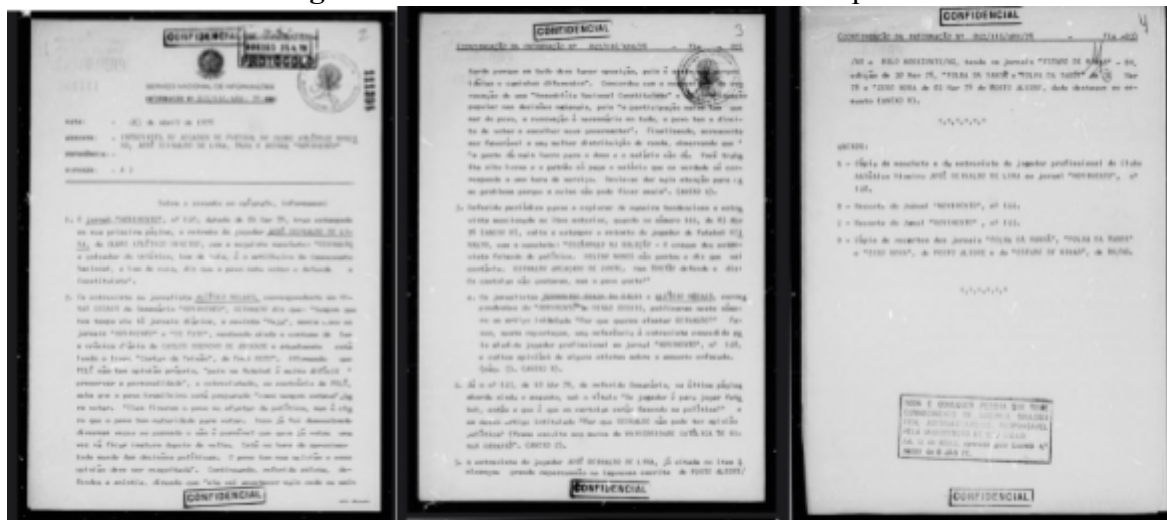
Não necessariamente quem estava na lista/relatório tinha feito algo, mas essas ferramentas eram exatamente para se construir um perfil de culpa do agente subversivo, daquele que desafiava a ordem. A utilização do termo “subversivo” na ditadura tinha a função de desmoralizar e desqualificar os indivíduos e os grupos enquadrados nessa categoria. No caso de Reinaldo, ele ainda não era filiado a nenhum partido em específico, mas várias de suas ações e companhias da época foram colocadas em evidência em canais de comunicação, fazendo com que houvesse a construção de uma narrativa controversa com a realidade, com o propósito de torná-lo um dos “subversivos”, de forma que fosse possível justificar toda a perseguição que sofria, dentro dos clubes em que jogava, dos lugares que frequentava e das amizades que escolhia ter.

Então, foi essas restrições, essas resistências que eu fui tendo na seleção. Por isso eu devo até reclamar agora nessa lei da verdade, na

lei da Comissão da Verdade, que sem dúvida **eu fui prejudicado dentro dessas, pode dizer, forças ocultas aí, com certeza, se procurar alguma coisa minha no Dops, com certeza deve ter alguma citação lá, alguma coisa.** (LIMA, José Reinaldo. José Reinaldo de Lima, depoimento, 2012. p.16).

Na citação acima, Reinaldo mostra sua insatisfação, já no ano de 2012, por não ter sido anistiado para poder ter sua “ficha limpa”, alegando que ainda havia documentos no DOPS/SNI. E o Rei tinha razão, havia algo sendo produzido com seu nome dentro dessas “forças ocultas”, como escolheu nomear, que o prejudicou, mesmo que de forma velada. Nos documentos a seguir, relatórios produzidos pelo SNI disponíveis no Arquivo Nacional, vamos observar alguns recortes de jornais da época, onde Reinaldo aparece se manifestando contra a ditadura. Farei a análise apontando a luta constante de Reinaldo contra a repressão e a censura e como essa luta influenciou na sua carreira, observando as atividades suspeitas que classificavam Reinaldo como uma “ameaça pro governo vigente” (*Imagem 4*), reforçando a ideia de que, a partir da entrevista pro jornal Movimento, Reinaldo ficou ainda mais sob o radar dos militares.

Imagens 4 – Entrevista recortada e assinalada pelo SNI



Fonte: Fundo SNI – Arquivo Nacional pág. 2,3,4.

Em primeiro momento, ao olhar os documentos, a impressão é que seja apenas uma breve descrição do que está destacado em cada notícia nos periódicos. Mas, ao olhar novamente, é possível perceber que, para além do *Jornal Movimento*, há também outros jornais que os agentes do SNI agruparam, onde Reinaldo aparece defendendo a anistia, e onde os jornalistas atribuem alguns cortes da Seleção Brasileira ao fato de Reinaldo ter

irritado os “cartolas” ao dar a entrevista falando de política. Este é um ponto importante de destacar, visto que, assim como Reinaldo, outros atletas que foram perseguidos e em algum momento entraram nessa categoria de subversivos, então todos já tinham vivenciado situações parecidas dentro de seus clubes, como ser afastado com lesões que nunca existiram em jogos importantes, como veremos que foi o caso do Rei.

Em conjunto com o relatório, os agentes colocaram também em anexo os materiais aos quais se referiam, as primeiras seriam as mesmas páginas já apresentadas anteriormente (*Imagens 1 e 2*), referentes à entrevista do Rei ao *Jornal Movimento*, do dia 6 de março de 1978, e às outras, futuras manchetes do mesmo jornal de abril do mesmo ano, e cópias de recortes de jornais “Folha da manhã”, “Folha da Tarde” e “Zero Hora”, de 31 de março de 1978. (Imagem 8).

Imagem 5 – Recorte do jornal movimento nº144 “(anexo B)”



Fonte: Fundo SNI – Arquivo Nacional, pág.5.

A notícia em destaque tem como título a frase “*Por que querem afastar Reinaldo*”, datada do dia 03/04/1978, quase um mês depois que Reinaldo havia concedido sua entrevista polêmica ao mesmo jornal. Nesta segunda manchete, Reinaldo aparece juntamente com a afirmação de que o presidente da CBD, Heleno Nunes, havia anunciado seu afastamento, alegando que ele não teria condições físicas para jogar futebol. No entanto, a maioria das pessoas e outros jornais da época surgiam com a hipótese de que Reinaldo estava sendo afastado por suas ideias políticas expostas por ele ao jornal Movimento, como mostra a manchete acima e é destacado por Roberto Drummond em sua coluna no jornal Estado de Minas:

“Há dois ou três meses atrás já tínhamos notícias vindas do Rio de que iam afastar Reinaldo por causa das condições físicas. Nessa

ocasião, Neylor Lasmar, médico do Atlético, foi à CBD e mostrou que Reinaldo tinha condições físicas. Depois ele completou 28 gols no campeonato nacional, foi o maior goleador, e agora surge esse ódio estranho manifestado por Heleno Nunes em relação a Reinaldo. **Atribuo esse boicote a interesse políticos do Heleno Nunes e da Arena**” (Arquivo Nacional, pág.5, Grifos próprios)

E não por uma suposta lesão, que incapacitava o atleta de jogar, como Heleno Nunes havia afirmado.

Ainda na mesma página, Tostão¹⁹ opina e diz que “é evidente que os dirigentes da seleção não gostaram da entrevista de Reinaldo, mas a maioria do povo é a favor do que ele disse e certamente gostou. *“Não tem cabimento cortar Reinaldo pelo fato dele ter emitido suas opiniões”*. O goleiro Raul²⁰ classificou Reinaldo como “anti-Pelé”, pois ao contrário de Pelé, o atacante do Atlético disse que o povo estaria preparado para votar. O vereador afirmou que *“Reinaldo está sendo punido por defender a liberdade e a democracia em nosso país”*.

As declarações de Drummond, Tostão e do goleiro Raul deixam claro e comprovam a única resposta correta para a questão que o próprio jornal nos traz: que a perseguição e a busca pelo silenciamento e o afastamento de Reinaldo se davam estritamente por questões políticas. Isso não ocorria somente por parte do então presidente da CDB, Heleno Antunes, como também por parte daqueles que consideravam Reinaldo um cidadão subversivo e causador de desordem pelas suas atitudes que iam em contramão aquilo que era proposto como o ideal a seguir. Quando o Rei menciona que foi uma bomba conceder a entrevista, ao mesmo tempo que ele se referia sobre a repercussão que ela tomou, ele estava relacionando também ao fato de que ninguém esperaria que algo dessa magnitude fosse vir de um jogador de futebol. Em suas palavras:

“Foi uma bomba porque existia censura e na verdade o Brasil, o país, não esperava que isso viesse do futebol, porque futebol sempre foi tratado como alienado, como reacionário até, aí dei essa entrevista.”(LIMA, José Reinaldo. José Reinaldo de Lima (depoimento, 2012). p.14).

Imagem 6 – Recorte do jornal movimento nº145 “(anexo C)”

¹⁹ Eduardo Gonçalves de Andrade, conhecido como Tostão, é um médico e ex-futebolista brasileiro.

²⁰ Raul Guilherme Plassmann é um ex-futebolista brasileiro que atuava como goleiro.



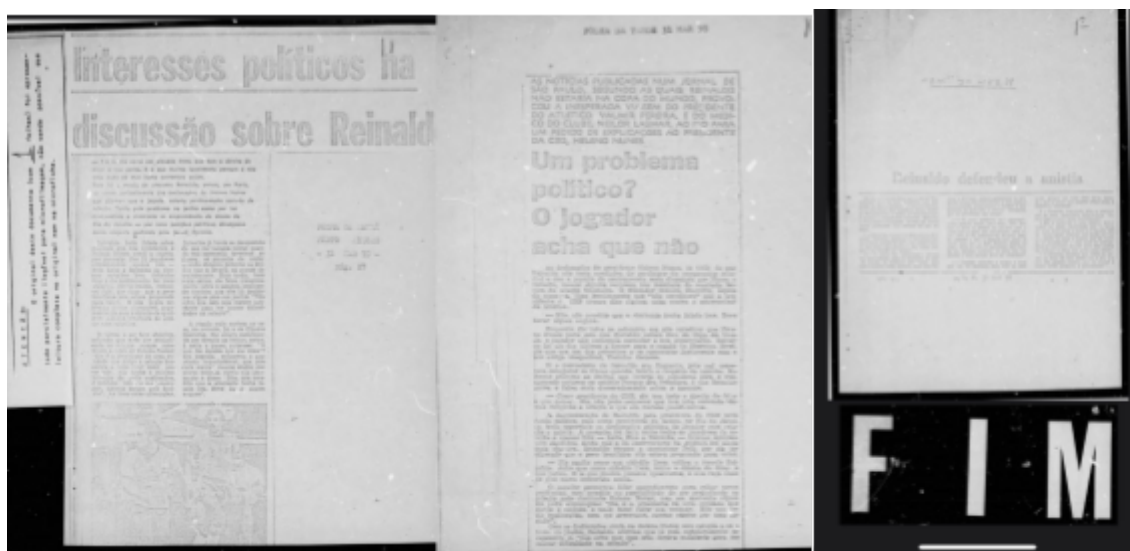
Fonte: Fundo SNI – Arquivo Nacional, pág.6.

A notícia acima, ainda no *Jornal Movimento*, datada do dia 10/04/1978, tem como título “*Por que Reinaldo não pode ter opinião política?*”. Essa é uma frase escrita nos muros da Universidade Católica de Minas. Uma semana após virar notícia nos jornais, anunciando afastamento de Reinaldo dos gramados, Heleno Nunes foi novamente alvo das notícias ao “mudar de comportamento”, após a repercussão que o caso tomou. Mas não há de se iludir que essa reviravolta na opinião do presidente da CBD se deu simplesmente por uma mudança de ideia sobre a figura de Reinaldo, pelo contrário, tudo se tratava de estratégia, como Aloísio Moraes nos mostra ao citar Drummond em sua matéria, em que ele, em poucas palavras, oferece a oportunidade de analisarmos e pensarmos um cenário onde Reinaldo não se manifesta e não concede a entrevista ao *Jornal Movimento*, “mantendo-se na linha”, agradando seus superiores no mundo do esporte, ao mesmo tempo que nos mostra quão importante e necessário foi concedê-la e continuar resistindo, já que, a partir da repercussão atingida, foi possível reforçar a ideia de resistência durante esse período, fazendo com que os cartolas recuassem:

“E se eu disser a vocês que se a comissão técnica dispensar Reinaldo estará criando uma arte e entregando a esse mártir uma bandeira de imenso poder junto no torcedor de futebol brasileiro? E se eu disser a vocês que foi exatamente a entrevista o *Jornal Movimento* defendendo a anistia, eleições diretas, etc., que salvou a cabeça de Reinaldo? E se eu disser a vocês que se não fosse a entrevista de Reinaldo ao *Movimento* e a repercussão da entrevista agora, Reinaldo estaria queimado, sem razão, é certo, na seleção?” (DRUMMOND, Roberto. “Se digo”, Estado de Minas. in: *Jornal Movimento*. 1978)

Se Reinaldo não se posicionasse na entrevista, ou se ele emitisse sua opinião e não fosse ouvido, talvez ele se tornaria mais uma das inúmeras vítimas que foram silenciadas durante a ditadura militar.

Imagens 7 – cópias de recortes de jornais “Folha da manhã”, “Folha da Tarde” e “Zero Hora”



Fonte: Fundo SNI – Arquivo Nacional, pág. 7,8,9.

Os três últimos anexos que compõem o arquivo do SNI sobre Reinaldo presentes no Arquivo Nacional, referentes aos jornais “Folha da manhã”, “Folha da Tarde” e “Zero Hora”, são quase que ilegíveis, mas nos trechos legíveis é possível notar que há menções sobre a entrevista de Reinaldo ao *Jornal Movimento*, ao corte de Reinaldo da seleção que Heleno Nunes iria promover, alegando problemas físicos e Reinaldo, e, em todas as entrevistas, Reinaldo segue mantendo seu posicionamento e reforçando que não deixaria de expressar sua opinião política, apesar das consequências.

Após a análise dos documentos encontrados no Arquivo Nacional referentes às atividades de Reinaldo, é importante destacar que ele não foi taxado de subversivo única e exclusivamente pelo fato de ter concedido a entrevista ao *Jornal Movimento*. Mas é fato que, ao ser entrevistado, Reinaldo despertou ainda mais olhares, e esses olhares voltaram-se com mais afinco para as demais atividades extra-campo do jogador. Foram essas declarações específicas na entrevista, defendendo a redemocratização e criticando o regime militar, que levaram o SNI a considerá-lo “subversivo” e a produzir um relatório para justificar a perseguição. Essas atividades influenciaram bastante, já que o sistema de obtenção das informações era bem sistemático, assim como Camargos exemplifica:

“O investigador deveria estar atento a tudo, inclusive informações de caráter privado. Desta forma além dos dados convencionais como endereço, lugares freqüentados, viagens realizadas, ligações com elementos suspeitos, as informações de caráter subjetivo eram bastante importantes, tais como, defeitos físicos, tiques nervosos, vícios, hábitos da família, existência de casos de adultério, dentre outros.” (Camargos, 2012, p.89)

A ligação com elementos suspeitos era algo bastante importante, e, como mencionado no início do artigo, o Rei deve parte de sua formação política ao Doutor Antônio Carlos Christo, seu vizinho, e a Frei Betto, filho de Antônio Carlos. Após conhecer Betto, Reinaldo teve algumas conversas políticas com ele e chegou a conhecer Lula em 75, ainda na casa de Betto. “Mas era uma coisa assim, o Beto morava em São Paulo, ele vinha aqui de vez em quando, não tinha nada. Aí começou vários movimentos, vários focos em vários lugares.”²¹ Então, essa amizade entre Frei e Reinaldo começou a ser vista e exposta, e como Betto era socialista logo começaram a desenhar Reinaldo como socialista e comunista, e:

“A partir do momento em que o indivíduo recebia a pecha de comunista ou subversivo ele se tornava automaticamente desmoralizado, corrompido, desonrado. Uma forte carga negativa de significados foi criada em torno do chamado subversivo para legitimar a eliminação sistemática desses agentes provocadores da desordem, segundo a visão do Estado”. (Camargos, 2012, p.67.)

Levando em consideração que tudo da vida pessoal do suspeito era investigado, começaram a investigar todos os outros âmbitos da vida de Reinaldo também, não mais só suas amizades. Já que no campo ele encantava a todos, era necessário e de bom tom para os investigadores encontrarem algo que o ligasse a atividades que eram consideradas subversivas.

“(…) numa investigação, tudo interessa, por menos importância que possa apresentar uma ação, o modo de vida do investigado, mesmo de caráter privado, ele pode fornecer meios de ligação com o fato principal a ser apurado. Assim, por exemplo, é interessante anotar, no decorrer da investigação, todos os hábitos particulares do investigado, mesmo que eles não tenham ligação alguma com as atividades subversivas do comunista.” Os investigadores geralmente interessavam-se particularmente pela vida íntima das pessoas” (Camargos, 2012, p.89.)

Além do relatório das atividades de Reinaldo produzido pelo SNI, matérias como as seguintes circulavam em revistas ainda mesmo depois de muito tempo que Reinaldo havia

²¹ Entrevista concedida por José Reinaldo de Lima em 16/08/2012 para o CPDOC, p.14

concedido a entrevista ao *Movimento*, e elas tornaram-se frequentes.

É importante lembrar que as revistas desse período da ditadura tinham um repertório correto, uma leitura correta que deveria ser feita da sociedade e da história brasileira, às quais corresponderiam atitudes apropriadas (FICO, 1997, p 19). A revista da imagem abaixo é a *Revista Placar*, já no ano de 1981, três anos após Reinaldo conceder a entrevista ao *Jornal Movimento*.

Imagem 8 – Recorte da Revista “Placar”



Fonte: Revista Placar, páginas: 51-54, ano 1981.

Apesar de a matéria em específico se tratar de jogadores reclamando da constante vigilância que sofriam diante da sua vida pessoal, é importante destacar que nela são levantados questionamentos diretamente no que diz respeito à vida pessoal de Reinaldo. Esse ponto está diretamente ligado aos boatos que circulavam com o objetivo de construir sua imagem de “subversivo”.

Na primeira página, que contém a capa da matéria, há a seguinte frase no topo: “não estamos invadindo demais a privacidade dos nossos jogadores? Placar abre o debate”. O

título da matéria é: “craque brasileiro. Com muito prazer”, e, logo em seguida, a imagem de mulheres dançando, um copo de cerveja, uma partida de futebol e um homem fumando. Ao lado da imagem, há o seguinte texto: “eles se sentem patrulhados em tudo que fazem longe dos campos. *Se revoltam com essa permanente vigilância.* Bebendo que gostam, frequentando os lugares da moda e encarando sexo sem preconceitos, tentam provar que as boas coisas da vida não são incompatíveis com a sua profissão.” Neste caso, havia atitudes de outros jogadores que não estavam correspondendo com a personalidade de bom moço que era esperada deles por parte da sociedade, mas Reinaldo se destaca por ser sempre um dos mais criticados, como pode ser visto já na segunda página, onde há o seguinte título: “bebidas, sexo e noite: os três pecados capitais”. Nesse texto já se destaca a figura de Reinaldo, onde o jogador é citado após ter sido acusado de cometer um dos três pecados capitais: o sexo. No pequeno trecho, já é possível notar a caracterização que tentam passar de Reinaldo, um jogador que se desvia do caminho que deveria seguir. Nele, é possível ver a repreensão que Reinaldo levou publicamente do seu técnico na época, Telê Santana, no qual Telê teria acusado Reinaldo de “*levar uma vida incompatível com a sua condição de atleta*”.

Nos demais textos, separados por outros subtítulos, é possível notar que a revista trata de outros jogadores na época que, fora das quatro linhas, viviam uma vida considerada incompatível com sua profissão, por exemplo, ao mencionar como Garrincha gostava de beber uísque e que esta devia estar em uma garrafa escura de guaraná para que ninguém desconfiasse que o jogador estava bebendo e então o cobrasse; Mário Sérgio, que em seu dia de folga foi interrompido por estar tarde da noite em um lugar fazendo apostas; e Zico, que comentou que até ir ao restaurante fazia com que fosse cobrado. Esses jogadores reclamam nessa matéria de não poderem fazer absolutamente nada fora de campo que não correspondesse àquilo que as pessoas esperavam que eles fizessem, já que existia um certo ideal, uma moral que o jogador de futebol brasileiro deveria ter, mas que, como se pode ver por meio da revista, quase nenhum tinha.

A moralidade que queriam que os jogadores tivessem foi a moral que, por exemplo, condenou Reinaldo pela sua amizade com Tutti Maravilha. Tutti era homossexual e muito amigo de Reinaldo, e o Rei não escondia a sua amizade com, pelo contrário, todo mundo sabia que eles eram amigos. Essa amizade custou uma luta constante contra a mentalidade conservadora dos torcedores, que já havia sido despertada em 1978, e também com a mentalidade dos cartolas.

Não somente a amizade do Tutti com Reinaldo era questionada. Todas as suas ações eram postas à prova, como o ídolo menciona:

“E depois veio uma imprensa mais... começou a reforçar que eu era... que não tinha essas condições físicas, que eu era homossexual, que eu era gay, não falava gay, falava bicha mesmo, **que eu era cachaceiro, maconheiro, começaram a dar todas essas coisas para mim, que isso realmente perturbava,** principalmente dentro de casa, minha mãe ficava muito assustada.”
(Grifos próprios)

Apesar de mais jogadores terem nessa matéria suas imagens ligadas a hábitos incomuns para a profissão, nenhuma delas gerou, na mesma proporção que para Reinaldo, reflexos negativos em suas carreiras. Os torcedores não gostavam que jogadores de futebol tivessem hábitos como o de Garrincha de beber álcool, mas quando acontecia e virava notícia ele não era ligado diretamente a estar cometendo alguma atividade subversiva, ao contrário de Reinaldo. Este é só mais um dos exemplos que demonstra como, após conceder a entrevista ao Movimento, a vida pessoal e profissional de Reinaldo passou a ser muito mais complicada. Não é o caso dessa matéria em questão, mas a maioria das revistas durante a ditadura civil militar utilizava de técnicas discursivas, aquelas que não necessitavam de forças, para para “adestrar” indivíduos, como os autores Resende e Ramalho nos mostram através da obra de Foucault:

“ (Foucault 2003) discute o conjunto das práticas discursivas disciplinadoras de escolas, prisões e hospitais. O autor defende que essas instituições utilizam técnicas de natureza discursiva, as quais dispensam o uso da força, para "adestrar" e "fabricar" indivíduos ajustados às necessidades do poder. Ao sugerir que o poder, nas sociedades modernas, é exercido por meio de práticas discursivas institucionalizadas, Foucault (1997) contribui, por um lado, para o estabelecimento do vínculo entre discurso e poder e, por outro, para a noção de que mudanças em práticas discursivas, a exemplo do aprimoramento das técnicas de vigilância, são um indicativo de mudança social (RESENDE E RAMALHO, 2006, p, 19)

Ao colocar os “infratores” como subversivos em destaque nas suas matérias, todas as pessoas que tivessem acesso à revista/jornal teriam uma percepção daquilo e não questionariam quando alguma medida extrema por parte do governo fosse realizada para interceptar a “infração”, fazendo com que esse tivesse passe livre para intervir da maneira que achasse que obteria resultados. Isso era algo que o SNI utilizava como uma técnica de vigilância e servia na tentativa de manter Reinaldo “na linha”.

A partir do momento que Reinaldo leva a público suas ideias e continua resistindo dentro dos gramados, nota-se a repercussão e a contribuição que suas manifestações tiveram para o fortalecimento do movimento de resistência. Quando jogadores como Tostão e Raul saem em sua defesa, fica claro que Reinaldo, mesmo sem ter ciência, tinha o apoio popular de

parte da população quanto às suas ideias. No momento em que a entrevista do Rei é divulgada, ela gera incômodo, movimentando toda uma discussão gerada sobre a sua perseguição nas páginas dos jornais, e isso expõe, minimamente, a repressão que era velada na ditadura e incentiva outros a se manifestarem ou a simpatizarem com a causa da redemocratização.

A matéria que Reinaldo concedeu ao *Jornal Movimento* fez com que ele se transformasse em um símbolo de resistência, no entanto a pressão que contornou Reinaldo fez com que ele se sentisse em uma prisão. A perseguição que vinha sofrendo começou a abalá-lo, como se nota no último trecho da Revista Placar “*Reinaldo: tentando reencontrar zé*”:

“Ninguém quer saber que dentro de mim existe um rapaz de 24 anos que se chama Zé (seu verdadeiro nome é José Reinaldo de Lima) e que hoje está brigando com o jogador Reinaldo. Esse Zé vive da cabeça, enquanto o jogador Reinaldo vive do corpo, um corpo mais massacrado por cinco operações -uma das quais lhe rouba a vida. Pois outro dia, o Zé e o Reinaldo sonharam que estavam sendo perseguidos por uma porção de pessoas armadas com fuzis. O Reinaldo acordou assustado, com frio. **O Zé acordou decidido precisava crescer, virar adulto, unir-se a Reinaldo numa pessoa só. Contra tudo e contra todos. E este será o fim da história.**” (Revista Placar, 31/07/1981).

Apesar de tudo que foi feito na tentativa de silenciá-lo, Reinaldo continuou resistindo, lutou de cabeça erguida contra a perseguição, amadureceu, enfrentou seus fantasmas e continuou erguendo seu punho para se manifestar, afinal, se ele se rendesse, estaria, na mesma proporção, se violando.²²

V- Dos gramados para a sala de aula:

O tema da ditadura militar está previsto para ser abordado nos próprios documentos curriculares da Base Nacional Curricular Comum²³, mas, comumente, há receio por parte dos professores para discuti-lo em sala de aula. Isso, segundo Gasparotto e Bauer, acontece porque o período ditatorial no Brasil se encaixa como um tema sensível, e como explicam em seu texto: “um tema enquanto sensível remete a processos e acontecimentos muito diversos,

²² Reinaldo tem uma vida fora dos gramados atualmente, após deixar o futebol, chegou a ser eleito deputado estadual pelo Partido dos Trabalhadores. Em 2004, foi eleito vereador em Belo Horizonte. Em 1996, teve envolvimento com um traficante de drogas e admitiu ter usado cocaína (Chegou a ser condenado a quatro anos de prisão por tráfico, mas foi absolvido em segunda instância.). ainda hoje participa de campeonatos beneficentes e de ações com o Instituto Galo.

²³ A Base Nacional Comum Curricular é um documento normativo que define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

mas de forma geral abarca eventos traumáticos, vinculados a situações extremas de violência e opressão” (Gasparotto e Bauer, 2021). Ao ser colocado como um tema sensível de ser tratado em sala de aula e para evitar maiores polêmicas e discussões, a abordagem desse tema se dá de forma limitada e/ou reducionista.

Nessa linha, ao mencionar anteriormente que a história de Reinaldo não é muito comentada, deixei de frisar que, assim como o caso dele, há inúmeros outros que não se tem conhecimento, não por se tratarem de casos isolados que tenham tomado proporções menores de divulgação, mas sim porque se tratam de memórias individuais de vítimas diretas da ditadura. Assim como as autoras trazem em seu texto, o alcance limitado das políticas de memória sobre a ditadura no Brasil (e sua efetivação tardia) contribuiu para que o tema fosse marcado pelo silêncio e pelo esquecimento (Gasparotto e Bauer, 2021), juntamente com a memória e a história das vítimas.

A história de Reinaldo nestes momentos de receio para se tratar de temas sensíveis pode ser utilizada como uma ferramenta para trabalhar em sala de aula o tema da Ditadura Militar no Brasil. Ao integrar o futebol como um fenômeno social e político, ela vai além dos enfoques tradicionais que muitas vezes se concentram apenas nos círculos políticos ou na luta armada. Então, através do que foi posto ao longo do artigo, com as fontes do SNI, recortes do jornal Movimento e da revista Placar e a análise desses, é possível realizar uma outra abordagem sobre a ditadura civil-militar, não somente em relação à sua faceta repressiva. Isso não significa que, ao abordar o tema, o(a) professor(a) estaria ignorando ou minimizando a repressão, mas sim problematizando a ideia de que a ditadura se deu apenas em violência física (Gasparotto e Bauer, 2021), que com os documentos apresentados podemos ver que não é verídico.

Além disso, ao trabalhar com a história de Reinaldo e as fontes relacionadas, como os documentos citados e as matérias de jornais/revistas, o professor pode ajudar os alunos a diferenciar conhecimento histórico de memórias e opiniões e a analisar como o passado foi instrumentalizado. No momento que essa história individual "pouco vista e comentada" for abordada em sala, o professor pode tornar o passado mais próximo e compreensível para os estudantes, especialmente para as novas gerações que estão cronologicamente distantes do período.

Um dos pontos centrais levantados pelas autoras (Gasparotto e Bauer, 2021) é a necessidade de ir além da redução da história da ditadura ao binômio repressão/resistência ou à lógica dos "dois lados". A partir disso, é possível resgatar elementos da história do Rei que demonstram que a ditadura não operava apenas através da tortura ou prisão, mas também por

meio de controle social, vigilância, manipulação da informação, pressão sobre carreiras e danos psicológicos. Explorar a história de Reinaldo em sala de aula, ao trabalhar com um tema sensível como a Ditadura Brasileira, permite mostrar aos alunos a complexidade dos mecanismos de poder e repressão do regime, que buscava controlar e disciplinar a sociedade de diversas formas e possibilita uma reflexão e problematização ao demonstrar que a repressão do regime ditatorial ia muito além da violência física direta.

VI- Considerações Finais:

A partir de tudo que foi posto, pode-se considerar que a trajetória de Reinaldo durante a ditadura civil-militar no Brasil revelou um importante capítulo da resistência contra o regime, pois, enquanto jogador do Atlético Mineiro, Reinaldo não se limitou ao seu papel nos campos de futebol; utilizou da sua fama e visibilidade para expressar publicamente suas opiniões em prol da autonomia popular, da liberdade e da democracia. As suas manifestações, como o gesto do punho cerrado inspirado nos Panteras Negras, e, principalmente, a entrevista concedida ao *Jornal Movimento* em 1978, desafiaram a censura e a repressão impostas pelo governo militar.

Mesmo que, ao se posicionar contra o regime fizesse com que dirigentes dos clubes em que passou e o Sistema Nacional de Informações (SNI) passassem a monitorá-lo mais de perto, construindo uma narrativa de "subversão" para justificar a perseguição à Reinaldo, o ídolo atleticano continuou resistindo a toda essa perseguição, essa que se manifestou de diferentes maneiras em sua vida: através das tentativas de silenciamento, dos cortes da seleção brasileira sob alegações questionáveis e da promoção de campanhas de desmoralização que exploravam aspectos de sua vida pessoal. Toda sua coragem em questionar o regime demonstra a importância do engajamento político mesmo em um ambiente de opressão.

A análise dos documentos do SNI e das matérias da mídia alternativa e da grande imprensa revela o temor do regime diante de vozes dissonantes, mesmo que vindas de um universo popular, como o do futebol, e expressa isso na incessante tentativa de enquadrar Reinaldo como "subversivo" através de sua conduta sobre determinados assuntos. Além disso, ao tentar controlar a imagem pública do craque, coloca-se em jogo a estratégia de membros da ditadura e da ideologia ditatorial de manter a ordem e silenciar qualquer forma de oposição.

Nesse artigo, há parte de um conteúdo comprobatório da perseguição a Reinaldo. Um

conteúdo que existe, pode ser consultado e comprova que o ex-jogador e ídolo merece uma reparação e o reconhecimento de ter sido alvo de prejuízos na sua carreira. No entanto, Reinaldo permanece fora da lista daqueles que foram anistiados do que fora considerado crimes políticos durante a ditadura militar. Apesar de ainda não ter conseguido esse reconhecimento, a história de Reinaldo durante a ditadura serve como um lembrete do potencial de figuras públicas em influenciar o debate político e da importância da resistência individual e coletiva na luta pela democracia e para demonstrar que a repressão do regime ditatorial ia muito além da violência física direta. Por fim, deve ser considerada a possibilidade de levar isso para dentro de sala de aula, pois, como demonstrado a partir do texto de Gasparotto e Bauer, pode ser utilizado para uma nova forma de abordar ditadura militar no ensino de história, sob uma perspectiva que integra o futebol como fenômeno social e político ao estudar o protagonismo político do jogador de futebol José Reinaldo de Lima. O legado de Reinaldo transcende os campos de futebol, marcando sua atuação como um ato de coragem e um importante registro da história da resistência brasileira nesse período.

VII- Referências Bibliográficas:

BAUER, Caroline Silveira; GASPAROTTO, Alessandra. *O ensino de História e os usos do passado: a ditadura civil-militar em sala de aula* in: Ensino de História e suas práticas de pesquisa. 2. ed. [e-book]. / Organizadores: Juliana Alves de Andrade e Nilton Mullet Pereira – São Leopoldo: Oikos, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/229806/001129535.pdf?sequence=1>

CAMARGOS, Júlia Lettícia. *Conhecendo o inimigo: criminalidade política e subversão – o DOPS mineiro na ditadura militar (1964-19730.)* [manuscrito] – 2012. Disponível em: <https://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/pghis/DissertacaoJuliaLetticiaBarbosa.pdf>

CORAL, Mariana Cesar. *Agnès Varda e os Panteras Negras: Primeira travessia*. p. 3, 2019. Disponível em: http://conti.derhuman.jus.gov.ar/2018/01/seminario/mesa_8/coral_mesa_8.pdf

CHAVES, Wanderson da Silva. *O Partido dos Panteras Negras*. Topoi, v. 16, n. 30, p. 359-364, Rio de Janeiro, jan./jun. 2015. Disponível em: www.revistatopoi.org . Acesso em: Março 25. <https://doi.org/10.1590/2237-101X016030016>

D' ARAUJO, Maria Celina et al. *Os anos de chumbo: a memória militar sobre a repressão*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/items/edb77ab4-4554-4e75-b01d-23c6d567a819/full>

FICO, Carlos. *Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.

MUNTASER, Lara Denise. *O Poder da Comunicação Durante o Regime Militar Brasileiro: Uma Análise Crítica*. Uberlândia, Repositório UFU, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/26534>

LIMA, José Reinaldo. *José Reinaldo de Lima (depoimento, 2012)*. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, 2012. 33p. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/museu_do_futebol/jose_reinaldo/TranscricaoJoseReinaldo.pdf

LIMA, Philipe Van R.. *Punho Cerrado: a história do Rei*. Belo Horizonte: Letramento, 2016

LUNA, Francisco e KLEIN, Herbert. *Transformações econômicas no período militar (1964-1985)*. In: REIS, D. A.;

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. *Futebol em tempos de ditadura civil-militar*. In: ANPUH – Associação Nacional de História. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*. São Paulo, jul. 2011].

SEVES, Natalia Cabau. *Jornal Movimento: um espaço de rearticulação das esquerdas na transição política brasileira*. In: Revista Acadêmica Multidisciplinar. Universidade Estadual

de Maringá (UEM). N. 35, dezembro-maio, 2016.

SOUSA, Reginaldo Cerqueira. *Ditadura Militar Brasileira: o aparelhamento do sistema repressivo e a fabricação do informante. História, Debates e Tendência, Passo fundo.V. 19, N. 3, P. 420-438, SET/DEZ 2019 .* <https://doi.org/10.5335/hdtv.3n.19.9865>

VIII- Fontes documentais:

Sistema de Informação do Arquivo Nacional:

Fundo Serviço Nacional de Informações

BR DFANBSB V8.MIC, GNC.OOO.81004772- *Entrevista do jogador de futebol do clube atlético mineiro, José Reinaldo de Lima, para o jornal \ "Movimento\ "*. - Dossiê.

BR DFANBSB V8.MIC, GNC.AAA.78111398 - *Entrevista do jogador futebol Reinaldo MG 116Z.*- Dossiê.

Revista Placar

RESENDE, Marcelo. *Craque brasileiro, com muito prazer*. Página 51-54, 31 de julho de 1981.

Acesso em: 03/06/2025. Disponível em:
<https://books.google.com.br/books?id=jSKwoWCuaPUC&lpg=PA54&dq=reinaldo%20acordou&hl=pt-BR&pg=PA50#v=twopage&q&f=true>